

# **RETRATOS DA VIDA**

**Sinvaline Pinheiro**

## MOMENTOS

A rua repleta de gente desperta para a realidade de uma multidão de pessoas que falam línguas estranhas, indiferentes ao pequeno, ligadas às futilidades esquecendo, sobretudo a vida...

O carroceiro levanta forte o chicote, o esqueleto magro do cavalo sobe a avenida puxando a carroça de areia, ele tem alma que o carroceiro não vê...

O pequeno engraxate entra e sai das lojas comerciais, seu rosto criança corre atrás de dinheiro e até mente dizendo que só engraxa no final de semana...

O que ele esconde por trás dos olhinhos tristes? Não é só ir para o Muquém...

O bêbado é dono da rua, disfarça sua dor na embriaguez, só assim ele é maior e eterno...O cachorro faminto o segue em círculos...

Volto pra casa cansada de tudo e ao chegar escuto o gemido do córrego que insiste em correr fugindo do lixo, dos esgotos e do homem...

O calor é insuportável, minha dor é maior... O vento carrega o mau cheiro do esgoto, enxuga as lágrimas e foge rápido para não testemunhar a imbecilidade do homem...

Minha casa é grande demais hoje, porém não cabe as lágrimas... Consulto o espelho e ele mostra as olheiras que refletem os anos, o cansaço e a solidão...

Escrevo, brigo, denuncio para fazer um mundo melhor; mas quando tento encontrar o outro dou de cara comigo só, muito só...

## UMA HISTÓRIA DE AMOR



Um dia de sol insuportável, quando alguém me traz um filhote de tamanduá bandeira cuja mãe fora atropelada e morta quando o carregava nas costas. O filhote semi morto nem mexia, patas quebradas e nariz esfolado, era para ser taxidermizado para exposição no museu.

Aquele montinho peludo não sobreviveria, pensei, mas pra minha surpresa ele levantou a cabeça. Desesperada dei água e fui procurar socorro, mas final de semana, não encontrei.

Dei um pouco de dipirona e ele dormiu, aflita com seu sofrimento corri para a cidade. Liguei para um amigo veterinário o André Felipe e ele nos socorreu. Imobilizou uma pata, fez a medicação e eu fiquei cuidando do bebê no soro. Em casa deitei o no sofá e quando se movia chorava um chorinho triste que doía o coração. A noite ficava perto da cama e a qualquer movimento eu levantava e o cobria.

Soro, gotas, injeção , porém ele não comia. Veterinário indicou mel numa seringa e fui dando aos poucos, ele se animou passou a tomar mamadeira leite, mel, iogurte, carne moída e foi crescendo sob os cuidados do André Felipe, que não cobrou nada e se tornou amigo. Por isso recebeu o nome de Andrezinho (a)? não sabíamos ainda.

Andrezinho começou a andar pela casa, a pedir comida, deitar com os cachorros e ficou bem em casa mesmo...

Com o tempo passou a ter hábitos noturnos então ia para o quintal que é uma pequena mata e passava as noites por lá e bem cedinho vinha pedir

comida. Fiz uma oca para ele, espalhei cabaças com mel, criei um ambiente parecido com seu habitat.

Aprendeu a receber carinho, afagos nas orelhas, na barriga e fechava os olhinhos de felicidade. Me reconhecia pelo cheiro e estranhava qualquer perfume ou pessoa diferente, correndo e se escondia. Não gostava de visitas e nem aparecia para comer. Contrariando tudo que li sobre tamanduá bandeira, o Andrezinho enxergava e ouvia muito bem.

Moro numa chácara pequena, então pensei em deixar ele se virar, comer minhocas, formigas e caçar, e assim ver se podia voltar para a mata. O coração doeu quando o encontrei deitado e ao levantar chorou, as pernas ainda doíam...

Dei comida e ele cresceu, cresceu, um bebê enorme que não queria ir embora. Até que apareceu um companheiro (a) para visita lo.

A mata próxima é pequena e ameaçada com os loteamentos ao redor do Lago Serra da Mesa, os predadores são muitos, homens e cães. Alguém me disse que comia carne de bandeira...

A ideia era aguardar sua recuperação total e leva lo para um local de mata grande, talvez na Chapada dos Veadeiros. E o tempo passou e ele crescia e engordava, quase não suportava o peso quando ele queria colo.

A rotina que se fez foi transformada em uma história de amor recíproco. Ele chegava cedo me cheirava pedia comida e satisfeito ia para o mato deitar enrodilhado e coberto pela cauda peluda, dormia o dia todo.

Chegando do trabalho e já começando a escurecer gritava:

- Andrezinho, Dezinho!

Ele vinha enorme, lindo e todo feliz me cheirar. Comia muito, sempre pedia mais e mais, depois esperava um afago antes de ir, algum dia parece que estava mais carente e demorava ir embora, conversávamos muito...

Explicava a ele os perigos que rondavam, falava como sua mãe morreu e ele ficava me olhando com os olhinhos miúdos e quietos como se entendesse tudo...

Sempre soube que quando se recuperasse por completo teria que partir...

Assim, as lágrimas rolavam ao lembrar do desmatamento, do fogo, do asfalto, da falta de alimentação, de como os animais silvestres estão morrendo por falta de espaço e de fome, não há mais vegetação...

Fotografei um tamanduá bandeira morto por atropelamento aqui perto. Vi o Andrezinho no lugar dele...

Contei para ele naquela noite sobre o atropelamento, ele ficou cheirando minha mão...

Foi um tempo vivido intensamente, momentos eternos, trocas de afeto e conversas longas. Até que ele se foi e não voltou... Lágrimas, buscas e lágrimas...

Não sei se ainda vive ou passa fome no cerrado desmatado e envenenado. Perdi a conta do que andei na mata chamando, deixando comida; perdi a conta de quantas noites passei chorando ouvindo barulho de caçadores...

Um dia, como miragem me apareceu uma bandeira com filhote nas costas, gritei:

- Dezinho,Dezinho... ele (a) parou, olhou e se foi... e eu só chorei...

Andrezinho representa todos os animais silvestres e índios expulsos da terra pelo agronegócio e destinados a extinção, representa a morte do cerrado e da vida...

É o futuro do planeta, futuro do homem. Por enquanto as vítimas mais indefesas vão morrendo aos poucos. Essa incerteza traz um sofrimento negro, dolorido mas o amor é maior...

A saudade, a insegurança corta o coração, Andrezinho é uma história de amor que reviverei sempre...

## DONA MARIA

Interior de Goiás, vida pacata onde ainda se pode circular de um ponto a outro a pé, cumprimentar todos e viver uma vida de acordo com os padrões da classe baixa. Dona Maria faz parte dessa sociedade onde se acostuma a olhar o outro e conformar com sua penúria, era só mais uma dentre tantos, que como ela, já aos 70 anos criava filhos, netos e bisnetos, uma família grande que sabia amar. Na oração diária entregava todos eles aos cuidados do Criador.

Ela tem pouca estatura, mas tem muita fé: fé na vida, fé na mudança, fé nos direitos humanos, fé num mundo onde possa sorrir...

As pernas curtas correm nas ruas da cidade empurrando o carrinho de sabão, precisa vender, suprir a casa, só ela possui renda e assim desfila de casa em casa até vender todo o sabão que fabricou.

No culto à noite, a oferta na igreja e o dízimo não pode faltar, é fiel. Ela cumpre suas obrigações e faz parte de um mundo de pessoas humanas...

Os tempos são estranhos, sua casa fica agitada e é noticiada nos jornais...

A neta saiu, sumiu e apareceu morta barbaramente. Ela não entende, dizem que é uma tal de droga. Que humanidade!

Dona Maria precisa fazer mais sabão, a freguesia aumenta e o dinheiro some com o crescimento da família, netos e bisnetos. A casa cheia, o fôlego cansado, deita e tenta dormir.

Com o passar do tempo os passos diminuem, o fôlego cansa, os olhos marejam, pede socorro na igreja. Oram por ela. A vida vai pesando no seu corpo idoso, já não acode mais a necessidade de casa como antes, mas o sorriso continua. Como ama!

Uma certa semana se viu desafiando as forças. Hospital, recomendações para repousar. Mas, como repousar? A vida continua, tenta sobreviver...

O tempo não perdoa e leva o corpo devagar, a voz fica rouca, os olhos embaçados e parece que mais nada importa...

Um dia tudo acalma, sua alma foge, ela sonha com outro mundo onde haja mais igualdade, mais humanidade.

Um anjo desce e pega sua mão:

-Vamos?

Ela mais que depressa responde:

-Vamos!

Dona Maria se foi, não vende mais sabão, seu corpo deitou numa terra de humanos, porém ela nunca soube o que realmente eram as drogas e nem humanidade.



## JUNTOS ALÉM DO TEMPO

O tempo me leva de volta às ruas poeirentas do Tocantins. Um povoado, uma mulher, um homem, um amor em segredo. Viúva cheia de filhos, trabalho pesado, só seu cavalo castanho sabia as dores de idas e voltas do povoado ao sítio. E nessas dores se juntavam alegrias furtivas, desejos encobertos pelo pano na cabeça...

Logo esse olhar baixo e sério passou a brilhar... Eu soube pelo brilho daquele olhar que o amor chegou...Ela também soube que eu sabia. Nos tornamos cúmplices em silêncio...

Compadre em visita e logo depois ela sumia no cavalinho castanho...Eu sorria aplaudindo a coragem, o desejo, a vida. Foram vários anos de encontros na mata...

O tempo passou, o cavalo castanho envelheceu, o compadre partiu e o povoado escureceu...

Ela olhava o céu buscando aquele olhar, mas nem o corpo viu, foi sepultado na capital...

Alguns anos depois ela se mudou também...A Cidade grande não mudou sua rotina e nem abateu sua força. Plantava, fazia doces, cuidava de tudo, foi forte. Talvez embalada pelos momentos vividos, aos 89 anos era ativa...

Fui visita lá e como se fosse normal me contou histórias dele, parece que sua alma revivia...

Uma manhã o coração não aguentou e ela se foi. O corpo machucado pelos anos e pela reanimação no hospital não suportava a viagem até o Tocantins...

Velório e sepultamento na capital mesmo. Acompanhei tudo ...

E depois que a lápide se fechou olhei os túmulos ao redor.

Engasgei, mas sufoquei o grito:

A sepultura ao lado era do compadre...

O amor venceu, juntos além do tempo e da morte.

## ZITINHO. O GARIMPEIRO

*Ao saudoso Evaristo Seabra Guimarães-Zitinho, Faina-Go*

Zitinho impressionava as pessoas. Figura pequena parecia de um outro mundo, tinha idade, mas não era caduco, sua sabedoria fora adquirida na luta diária, na busca do ouro no garimpo.

Sua grandeza nas palavras fazia calar os que lhe ouviam, suas histórias ou estórias, poemas, rimas eram só dele, ninguém jamais poderia imitá-lo.

Era tão forte, quantas vezes ficava a olhar seus passos rápidos, até sumir de vista aquela figura, dizia que tinha pressa, ia para o garimpo, seu espírito invencível desafiava o tempo.

Tudo para ele acabava em piada, onde estava a alegria imperava. Sempre estava desafiando alguém para um duelo de palavras.

Fez um ranchinho na beira do rio dos Pilões. Os detalhes perfeitos na madeira eram notados até no gancho para pendurar os copos, detalhes que não espantavam a simplicidade e até o próprio Zitinho se misturava com a natureza. E assim brincando ele persistia na busca do ouro, da alegria e da vida.

Certa vez lhe sugeriram arrumar uma companheira, uma velha senhora para dividir o ranchinho, ele sorriu e disse:

*- Eu, hem, arrumar uma véia? Nunca! Onde já se viu descascar laranja murcha com faca cega?*

Grande Zitinho, como bem disse Rubem Braga: os artistas são insistentes, que até depois de mortos continuam, sua arte é eterna...

## SARA

Sara se enforcou, desistiu dos sonhos...Sara que não se chamava Sara, era o nome de Guerra. Foi mãe, filha, avó, amante, Sara ébria e acima de tudo mulher e Humana!

Mulher que amava o trabalho, ágil como uma máquina de tudo sabia fazer um pouco, uma artista doméstica. Os olhos miúdos e sagazes falavam de planos futuros e seu sorriso escancarava quando dizia:

*- Quero escrever e ser assim elegante!*

Sara não sabia, mas era elegante quando abria o peito e dizia que foi prostituta para cuidar dos filhos, escrava doméstica para sobreviver, que apanhou de homens e da vida...

Seu rosto sardento ficava vermelho, era toda emoção, tudo nela fluía à flor da pele. Ganhou uma canoa com motor, e voava no lago pra lá e pra cá, era dona do vento, dona de tudo...

Essa liberdade não a fazia esquecer das dores, lágrimas marejavam seus olhos quando lembrava do filho na prisão...

Sara jovem ainda, já era avó de muitos netos...

Tudo para ela foi rápido, desde a infância que não viveu até o final que escolheu.

Angustitada ela deita na rede e não consegue se acalmar, é um domingo à tarde, o pôr do sol a chama e ela atende...

Levanta nervosa e quebra tudo da casa...

Assim se extravasa, mas não sai a dor do peito...

Então resolve que a vida não vale mais a pena... não há humanidade aqui...

E sorrindo tira a corda da rede, faz um laço, sobe na cama e com um salto fica dependurada imóvel...

Se despediu da vida... ou será que se vingou do mundo que tanto a machucou?

Sara se foi e deixou sua marca na pedra onde pescava, no rancho, no ar do cerrado, na saudade e muito mais ainda na solidão dos sonhos quebrados que a fez partir tão depressa.

## ROSINHA

Rosinha tinha uma rosa no cabelo, uma rosa no olhar. O batom vermelho contrastava com a rosa do vestido, ela era toda charme... A mãe a cerceava dos rapazes e Rosinha se mostrava, cada dia mais exuberante...

O tempo passou, casou e se encheu de filhos. O fogão a lenha escureceu a pele, encrespou os cabelos. A meninada não dava trégua e a lida aumentou

Rosinha entristeceu. Largou tudo e se foi, a cidade a chamava...

Arrumou o cabelo, o batom não contrastava como antes, mas ajudava. Um bar, luzes, bebida, fumaça de cigarro, Rosinha sorria, sorria...

O tempo passou, e os filhos?

Um fora trabalhar na capital, não tem endereço, a outra fugiu com um peão, sumiu...

O outro Rosinha podia vê-lo, e foi.

Na longa espera na porta do presídio, uma Rosinha apagada, triste, sem batom. O olhar longe aguarda os minutos para ver o filho, para sentir de perto a dor que a vida impusera.

Agora era uma rosa, só uma rosa desfolhada, murcha, pingando orvalho...

O olhar distante busca respostas que não tem para esse vazio, essa dor de agora.

## MESTRE GERALDÃO

A vida tem dessas coisas: falas, gestos, vozes e fé; um conjunto que torna especial uma pessoa. Falando aqui do Mestre Geraldo, incansável na velha bicicleta levando a viola pelas ruas de Uruaçu e cidades vizinhas, acompanhando folias, benzendo, cantando ou simplesmente agradando amigos com piadas e causos.

A voz forte é sinônimo de persistência em ser e viver. Muita calma ao tirar o chapéu para entrar numa casa, ao falar com alguém, o jeito quilombola gravado nos gestos e na alma.

Nasceu num ranchinho entre as serras de Minas Gerais perto de Riacho, aos 8 anos de idade já trabalhava com a enxada carpindo e plantando os mantimentos

*- Trabaivava ou murria de fome, ja sufri demais levantano de madrugada dibaixo de chuva pra ir pra roça...*

Morando em terras alheias o roçado na meia e ainda tinha que fazer serviço fora para garantir a boia, assim viveu até a morte da mãe, e aos vinte anos saiu trabalhando de roça em roça por ai...

Achou o Estado de Goiás e dentro do seu mundo viajou muito entre o norte goiano em Niquelândia, Alto Horizonte, São Luis do Norte e Goianésia, se considera um homem viajado.

Após mais de 8 décadas de vida o fôlego não ajuda mais, porém insiste cantando e montando a velha bicicleta cortando muito chão em busca de folias e boas conversas com os companheiros.

Conseguiu comprar um lote a prestação e fez um barraco. Almas boas lhe doaram energia elétrica, televisão e algumas lâmpadas, Geraldo se sentiu rico até, foi a primeira vez que dormiu sem lamparina...

No dia de Santo Reis Mestre Geraldo acompanha a Folia, sua voz ainda é forte e o respeito continua na voz baixa e ao curvar a cabeça tirando o chapéu.

Ao benzer, aconselhar tem o dedo em riste, tez fechada como se levasse consigo as dores do outro. Na hora de cantar surge uma força enorme que desafia a idade, o espaço. Uma voz que teima em preservar a cultura e a vida.

Viva a Folia de Reis, Viva Mestre Geraldão!

## REENCONTRO DE SABERES

A Aldeia multiétnica recebe várias etnias dentro da programação do XIII Encontro de Culturas Tradicionais da Chapada dos Veadeiros. Nessa oportunidade todos se encontram: turistas, indígenas, quilombolas, hippies e a comunidade cultural. Porém, houve um reencontro emocionante: Dona Izabel Benzedeira da cidade de Uruaçu com os índios krahôs.

Dona Izabel quando pequena foi rejeitada pela família por ser segundo eles, louca. Depois de ficar amarrada vários dias fugiu e foi por esse mundão. Encontrou abrigo na aldeia krahô que nessa época ainda perto do rio Maranhão. Foi acolhida e por lá ficou muitos anos. Como não sabia seu nome os indígenas a apelidaram de Perdida e assim ela viveu e cresceu com a família Krahô. Com o passar do tempo pegou a estrada de novo e nunca mais soube notícias deles, porém o sonho de reencontrar o povo krahô ficou com ela.

Usou a sabedoria indígena e tudo que aprendeu com eles para sobreviver o que marcou sua trajetória de vida como a benzeção, curas com plantas, acolher crianças e ela se tornou Izabel Benzedeira fincando raízes na cidade de Uruaçu. Criou 14 filhos adotivos, crianças que eram abandonadas em sua casa. No passado havia o costume de dar os filhos quando não havia recursos para alimentá-los .

Ao integrar o grupo de Grupo de Folclore Serra da Mesa surgiu a oportunidade de estar na Aldeia Multiétnica e reencontrar o povo krahô, sua família também. O primeiro contato foi de dúvida, os indígenas falavam entre si na língua krahô até que foram chegando e quando o líder Getúlio Krahô se sentou com ela aí vieram as lembranças de aproximadamente 70 anos de história. Getúlio Krahô era criança bem pequeno ainda, porém se lembrou do apelido que deram a ela, Perdida. Foram aproximando todos falando ao mesmo tempo, dona Izabel chorava e Getúlio Krahô citando nomes, detalhes que ainda se lembrava daquela época.



## RAIZEIROS, BENZEDORES, PAJÉS, PARTEIRAS E MÉDICOS

BOREKA, o Deus Criador do mundo para o povo Dessana, entrega uma oca e um bastão, a cantoria, orações, plantas para sustentar a vida na Terra. Pajé Curandeiro Kiss traz essa herança de tataravós e continua os estudos indígenas a partir do conhecimento ancestral. E repassa esse conhecimento para filhos e netos. Aos de fora é difícil, porque, segundo ele, não há como explicar tudo sem entender a língua Dessana.

Os indígenas são mestres das plantas medicinais, a raiz, a oração curam qualquer doença.

Cacique Yawalapiti do Alto Xingu explica que todo esse processo de lidar com as plantas medicinais na cultura indígena, inclui o ato de pedir licença à natureza e àquele que a fez. A terra é viva, água é viva e a floresta também. Não tem como entrar e mexer sem pedir licença ao seu dono, a natureza não vai gostar.

A cultura krahô considera todos iguais, os mesmos sons e essa harmonia comprova que a Terra é a mãe de tudo, então tem que se abraçar a mãe Terra, fazer alegria, animação.

O benzedor, raizeiro, parteiro e grande defensor do cerrado, Seu João da cidade de Sancrerlândia em Goiás, afirma que o jejum é a base espiritual da cura. Conhece mais de 200 plantas medicinais no campo e faz um apelo:

*- Respeitem o Cerrado em pé, a cultura, a floresta e a água estão se despedindo. Só um pouco de boa vontade, o governo não faz sozinho. Se juntar com honestidade o benzedor, parteiras, médico, juiz, escolas, tudo vai mudar.*

Towê líder espiritual do povo Fulni-ô tem a ciência das ervas medicinais da caatinga de sua terra, em Pernambuco. Faz comprimidos de ervas, sementes e banhos espirituais a partir do que aprendeu com o pai e avós.

Afirma que a cura não é feita por ele e sim pela Mãe Terra. Tem exemplos simples que passam despercebidos das pessoas, como a areia sobre a ferida grande tira a dor, banco de areia quente alivia o sofrimento de pessoa afetada por ferrão de arraia ou peixe; com o umbigo da bananeira pode se fazer um xarope; a aroeira é cicatrizante e assim por diante.

Vivemos em uma nova era, diz Tom das Ervas de Alto Paraíso, GO;

*- Época de amor, fraternidade para a concretização do terceiro milênio, o reflexo disso proporciona a troca entre os seres. Urgente o conhecimento das plantas para cura de doenças, do que se deve comer ou não. A Ciência natural não enriquece por isso não é tão explorada, enquanto as outras fazem grandes fortunas.*

Dona Domingas de São Jorge é parteira e raizeira, contudo afirma que age acordo com as orações que Deus ensinou, até as garrafadas devem ser produzidas com a ordem de Deus.

Dona Flor de Alto Paraíso tem seu trabalho reconhecido em várias partes do Brasil. É benzedeira, parteira e raizeira. Se diz preparada espiritualmente para entender as doenças e tem muita fé em Deus para que suas orações sejam ouvidas.

O Encontro de Raizeiros e Pajés da Chapada dos Veadeiros consegue juntar estudiosos, mestres tradicionais, curiosos, profissionais da cura. Proporciona momentos de grande interação com a missão de resgatar a cultura ainda não conhecida ou esquecida dos grandes centros, levando os jovens a valorização dessas práticas, que sem dúvida, é a alternativa para a saúde do homem e do planeta.

## PALHAÇO KRAHÔ E A BÍBLIA

krahôs, são homens, mulheres e crianças em busca de manter sua tradição, de aumentar a família e mais que tudo viver a principal cultura indígena: a cultura do prazer.

Cheios de sabedoria resistem no tempo contra a civilização que invade a aldeia nos encontros e no dia a dia...

Nesse contexto está o palhaço, o Hotxuá representado por Ismael Aprac Krahô na Aldeia Mangabeira no Estado do Tocantins. Nasceu na Aldeia Galheiros, não estudou quando pequeno, aprendeu com os pais e avôs a pescar, caçar, tecer, os rituais e especialmente a arte de ser Palhaço.

O Palhaço é uma figura importante na comunidade indígena Krahô, pois ele tem a função de alegrar seu povo, principalmente as crianças. O Hotxuá é muito respeitado na sua comunidade e recebe até prêmios.

Sua arte ficou conhecida fora do convívio indígena e se tornou filme, produzido pela Caniban Produções Cinematográficas direção de Letícia Sabatella e Gringo Cardia. Com isso Ismael Aprac ganhou fama e faz viagens por todo o Brasil. Segundo ele ir ao Rio, Salvador, Campo Grande e outras cidades é um grande privilégio, pois conhece mais pessoas para aprender mais.

Ismael Aprac com 60 anos de idade está na escola aprendendo a ler e escrever, está feliz. Ao ser indagado pela vida em família, ele cabisbaixo diz:

*- Tá todo mundo bem, nois come, assa peixe, e agora nois tem o livro do Deus, todo indio tem seu "biblim" ...*

Biblim é a Bíblia, a família se tornou evangélica e com isso ele acredita que ajudou muito, tirou a cachaça, o fumo e outras "coisas ruins" da aldeia. Com o olhar firme e o pensamento longe, engasga, baixa a cabeça e diz:

- *Eu posso fazê minha brincadeira, alegá criança, mas num posso dançar...*

O Hotxuá tem um ar de que não entende o que se passou, olha os filhos e netos, sabe que precisa preservar sua cultura e também ter o "livro do deus"...

Ainda bem que ele está aprendendo a ler ...Que Papã o proteja!



### **ARROBAS DE SABEDORIA**

Uma figura desfila pelas ruas de Uruaçu desde os anos 40, um eterno caminhar com sacolas, sombrinhas e muitas histórias; Maria é o nome verdadeiro, porém é conhecida como Leonice Baiana.

Nascida na cidade de Ilhéus - BA, descendente de portugueses e espanhóis e filha de nordestinos. Aos 14 anos se casou com um caminhoneiro que a levou a rodar pelo mundo. Nunca teve filhos e assim viajou até quando perdeu o companheiro em um acidente de trânsito. Viúva aos 53 anos de idade não quis casar novamente, decidiu que iria viajar.

O tempo não apagou o brilho dos grandes olhos verdes, aos 84 anos de idade ela continua distribuindo orações, carinho, causos e água na cruz da Capela de Santana chamando a chuva.

Os anos atrofiaram um pouco o corpo, a perna ferida e a voz cansada teimam em resistir e assim ela se mostra forte, bonita e sábia.

Atualmente reside em Goianésia, onde é visitada em sua casa pois passa a maior parte do tempo na estrada entre Uruaçu, Porangatu, Campinorte, Ceres e outras cidades por aí. Em cada lugar que chega tem conhecidos e assim segue a vida buscando o infinito.

Aprendeu a rezar, benzer e a contar causos. Apesar de afirmar que não possui parentesco com ciganos, sua imagem é de uma bela cigana. Muito esperta, atenta a todos os detalhes, inclusive no aspecto físico; sua marca são

as unhas grandes pintadas, os anéis e os grandes olhos verdes que prescutam o mundo ao seu redor.

A Capela de Santana é o local preferido na cidade, ali passa horas e horas rezando ou simplesmente descansando das caminhadas. As pessoas já se acostumaram com a figura excêntrica rezando ou com um balde jogando água na cruz, chamando a chuva.

Gosta de brincar e diz que só se casa de novo de encontrar um marido que tenha avião e a leve a viajar. Seu linguajar é típico baiano um pouco sofisticado. Expressa tudo em quantias de arrobas, ex. uma arroba de carne, uma arroba de felicidade, uma arroba de marido, etc.

Carrega sacolas com roupas, cadernos e caneta, tudo é anotado com uma letra firme, diz que são coisas que não pode esquecer, inclusive nomes de pessoas com as datas.

O sol quente da avenida Tocantins e o barulho dos carros não mudam a rotina dessa velha senhora cheia de ideias, sonhos e anseios. Seu caminhar cansado pelas feridas na perna, o excesso de sacolas e sombrinhas traduzem uma força enorme e mostram quantas provações, solidão e força o ser humano pode acumular e sem dúvida mais que tudo, a lição que vida longa exige arrobas e arrobas de sabedoria.

## REPARTINDO

Tunico nasceu no meio do mato, entre os bichos, pés no chão, indiferente à vida da cidade. Por ter um defeito físico que lhe fazia andar mancando, sofreu muitos abusos dos outros meninos e até grandes surras.

Tunico cresceu só; sua solidão era repartida com o riacho do fundo da casa, contava para ele suas mágoas, sua vontade de crescer, de ter uma perna perfeita e tudo o mais...A meninada não perdia oportunidade de fazê-lo correr, só para ver a queda, e rir de suas pernas moles e da sua capengue.

Na época da escola foi mais difícil e se tornou motivo de troça, saiam cantando atrás dele assim: Tunico molengo, molengão!...

Ele chorava e se escondia, até que resolveu não voltar mais à escola, apesar da surra que levou do pai. Melhor apanhar um dia do que sofrer humilhações seguidas.

Aprender a ler pra que? Para conversar com o riacho não precisava das letras, pensou. O pai lhe deu tarefas pesadas e como castigo tinha que capinar a roça. Quando chegava em casa mal conseguia comer de cansa, só descansava quando ia tomar banho no riacho; e ali sonhava que era perfeito, bonito e grande, que tinha uma namorada moreninha e ele sonhava, sonhava, até acordar com a voz da mãe lhe chamando pra casa.

O tempo passou e ele tornou-se um homem. Tez fechada, barba cerrada, parecia que toda a amargura da vida lhe estampava no rosto. Baixinho e mancueba, não arrumava amigos e nem namorada.

Algum fim de semana ia para o povoado do Cerradão, andava para lá e para cá e depois cansado voltava e ia para a beira do rio, sempre só.

Um dia seu pai lhe diz que já era hora de casar, adquirir família, pois já contava com seus 31 anos de idade e não podia ficar só. Comentou sobre uma família de Minas Gerais que se mudara para o povoado e tinha uma filha solteirona, quem sabe se enganchava com ela, a moça se chamava Marieta.

Tunico chegou no Cerradão, começou a passar na frente da casa pra lá e pra cá para ver se via a tal solteirona. Via apenas uma mulher morena, acanhada que baixava a cabeça quando ele a olhava. Sorriu para ela tremendo diante da expectativa da reação da moça. Qual não foi sua surpresa quando ela lhe dirigiu um sorriso aberto e simpático. Ele se aproximou.

- *Bom dia...*

A moça esboçou um sorriso, olhando-o de cima para baixo e desatou a rir sem dizer nada.

Ele foi saindo desconfiado, pé ante pé, sem saber se ela ria dele ou para ele.

Tunico ficou muitos dias sem ir ao povoado, porém ficara meio decepcionado e meio esperançoso. Até que chegou o dia da festa de São João, o povoado do Cerradão estava repleto de barracas e de gente, resolveu ir.

Vestiu sua melhor roupa, passou uma água de cheiro, montou seu cavalo e se mandou. Chegando à porta da igreja, ficou olhando o movimento de cima do cavalo. Cadê a Marieta? Andou ao redor e nada, já estava quase descrençando de vê-la, quando alguém lhe diz em voz baixa:

- *Que cavalo bunitão...*

Ele olha e reconhece a Marieta. Estava toda enfeitada, sorridente, bonita apesar das falhas nos dentes. Mas isto não importava, ele também tinha lá seus defeitos físicos.

Tunico desceu do cavalo, coxeou até perto da moça e olhou para cima, pois ele era muito baixo e ela de estatura média. Chamou-a para dar uma volta e lá se foram os dois passear nas barracas.

Marieta quase não falava, apenas sorria. Tunico logo lhe propôs casamento. Ela concordou só que ele tinha que pedir ao pai dela o consentimento.

Tunico falou com o pai, que ficou muito alegre, não se sabe se pelo fato do casamento, ou por se ver livre da filha...



Contrataram seu Antônio carroceiro para levá-los à cidade mais próxima para dar os nomes. Na estrada poeirenta, cheia de buracos, cada bacada que a carroça dava, Marieta se encostava nele e sorria. Ele ficava hirto, nem se mexia, nunca ninguém tinha encostado nele.

Deram os nomes, agora é só esperar o dia do casamento.

Tunico chegou em casa e correu para o riacho, parecia que um fogo lhe queimava o corpo, o que era isso?

O riacho não soube responder.

Dormiu mal, tinha visões da Marieta, na mesma hora em que era uma moça sorridente, se transformava em uma onça e lhe unhava todo. Acordou gritando, seu pai acudiu, conversaram até que dormiu de novo.

Dias depois se casaram numa cerimônia simples que acabou com um pagode de roça, só que Tunico e Marieta se esconderam logo em sua casinha. Ali só o riacho ouviu e guardou os segredos daquela noite de amor...

Tunico se tornou um homem mais seguro, cheio de si, falava mais alto, agora tinha mulher e ela apesar de preguiçosa, era muito carinhosa.

Logo Marieta se cansa da roça e quer mudar para a cidade, não quer morar no povoado, segundo ela é pequeno, cheio de gente boba, quer morar na cidade grande onde se casaram; lá é bom, tem muita coisa para se ver e assim acabou convencendo o marido.

Contrariando os pais, se mudam para a cidade. Lá chegando não tendo opção de trabalho, Tunico vai vender picolé nas ruas. Passava o dia todo, empurrando o carrinho e gritando:

*- Óh o picolé... óh o picolé...*

À tarde voltava cansado, com pouco dinheiro, o coração doendo de saudades da roça e do riacho, mas não podia contrariar a esposa...

Certo dia chegando em casa mais cedo ouve vozes no barraco, alguém estava lá, parou e escutou. O rapaz filho do vizinho estava com sua Marieta.

Escutava o sorriso dela e o coração quase parou: será que ela está de rolo com o outro?

Foi entrando devagarzinho quando viu o homem assustado saindo de sua cama e a Marieta vestia a roupa desconfiada... Bem o vestido que lhe comprara um dia atrás.

Não disse nada, chorou, chorou...

Na volta pra casa não enxergou a estrada, as bacadas da carroça agora lhe pareciam pancadas na cabeça, não olhou mais para a ela que vinha de cabeça baixa, carregando a trouxa com seus pertences.

Chegando ao Cerradão, Totó entrega Marieta ao pai, lhe devolvendo a filha traidora.

O pai insiste em saber o que ela fez.

Ele baixa a cabeça, e gagueja:

*- Ela tava repartino...*

*- Repartino o que moço, pro favô me diga, pelo amor de Deus...*

*- Ora, repartino, o sinhô sabe o que é... muié da gente é só da gente, num pode fica repartino com os outro, e ela tava repartino cum vizim nosso...*

O pai de Marieta entendeu a mensagem, empurrou-a para dentro, e foi lhe dando tapas, enquanto Tunico seguiu manquejando pela estrada poeirenta, os olhos cheios d'água, agora só tinha o riacho para dividir sua dor.

## PROPÓSITO DE PAI

Seu Pedro, velho comerciante da rua, pioneiro do lugar. Criou seus filhos sempre no interior, todos obedientes, da escola para casa. Dona Nenzinha prendada, boa esposa. O armazém do Seu Pedro tinha tradição. Ele mineiro bom de prosa, na sua calçada sempre tinha alguém para ouvir seus causos, em suma, eram felizes.

O tempo foi passando, os filhos cresceram, cada um procura rumo na vida. As filhas se casam, ficando só o casal e o filho caçula. Muito mimado o Zé se tornara um homenzarrão, calmo, fala arrastada, gostava de se trajar bem, passear. Assim, logo a rotina da pequena cidade cansou o Zé. Já não dormia bem maquinando como mudar de vida. Como falar aos pais que queria ir para a capital?

Um belo dia ele se decide. Levantou mais cedo, limpou o armazém, abriu as portas, alegre já pensando na nova vida. Viajar, conhecer pessoas, ganhar dinheiro, sim era disso que estava precisando.

O pai, velho matuto, vendo a alegria nos olhos do filho, já pressentiu algo que lhe fugia ao controle.

- *Oi, Zé! Resmungou desconfiado...*

- *Oi, pai, bença... dormiu bem?*

- *Hum... mais ou meno, mas o que é? Desembucha...*

O Zé baixou a cabeça, começou a estalar os dedos, apesar da estatura elevada se sentia um menino...

- *Pai, eu pensei bem, já me cansei daqui, quero viajar, vou pra Goiânia.*

Seu Pedro caiu sentado:

*- Mas Zé, cê tá doido? Tanto perigo, tanto ladrão...*

*`- Já resolvi, vou trabalhar no caminhão que entrega frango, o vendedor já me arrumou uma vaga, amanhã já estou indo...*

Seu Pedro não disse mais nada. O que fazer? Ele já era um homem, só restava rezar.

O Zé viaja para a capital, consegue o serviço no tal caminhão que entrega frangos. De lá telefona aos pais avisando que já vai ficar trabalhando, fazendo entregas em Goiânia mesmo para aprender o serviço. Seu Pedro e dona Nenzinha nunca mais dormiram tranquilos. Os dois entristeceram e não conseguiram mais trabalhar.

Os dias se passaram e o Zé não deu mais notícias. Dona Nenzinha achou por bem que Seu Pedro fosse atrás do filho. Muito pensativo ele retruca:

*- Como vou achar o Zé lá na Goiânia?*

*- Perguntando, ora essa, alguém deve conhecê o Zé...*

Estava decidido. Partiria de manhã. Dona Nenzinha lhe preparou uma farofa, uma garrafa com água e outra com café. E ele se foi rumo à capital. Chegando lá ficou assustado com tanta gente, como ia achar o Zé no meio daquela bagunça? – pensou – Foi subindo a avenida Goiás olhando bem as pessoas. Ninguém conhecido. Povo sem educação, esbarravam nele quase o derrubando. Apertou bem sua matula e seguiu observando. Nisso passa um caminhão com o desenho de frango na porta e umas letras que ele não conseguiu ler; mas parecia o mesmo que entregava frango no seu armazém. Seu Pedro saiu correndo atrás do caminhão, correu muito, as pessoas lhe atrapalhavam, caiu. Voou farofa por todos os lados, o café derramou, só sobrou a água. As pessoas riam dele. O danado do caminhão sumiu, não sabia o que fazer. Limpou a roupa e concluiu que a única solução era sair perguntando. Tanta gente, alguém poderia ter visto o Zé.

Sim, iria perguntar. Perguntar pra mulher é mais seguro:

*- Oi dona, por acaso a senhora num viu o Zé, meu fio? Ele é um Grandão, bonitão, trabaia no caminhão que intrega frango, a senhora viu?*

A mulher o olhou de cima em baixo, não respondeu, seguiu sorrindo. Seu Pedro subiu a avenida abordando um e outro, por mais que explicasse o jeito do seu filho, nada, ninguém sabia dele.

À tardinha, o cansaço tomou conta dele. Desanimado sentou-se num banco da avenida. Seu coração puro de pai já doía, mas a esperança era maior. Ficou olhando a multidão que ia e vinha, mas nada do Zé...

Ficaria sentado alí. Bebeu a água que se misturou com as lágrimas. Enxugou o rosto, suspirou. Descansaria um pouco para depois continuar a busca...

Depois de algumas horas, como se fosse um milagre, alguém lhe bate nos ombros:

*- Oi Pedro, que surpresa, esperando alguém?*

Uma parenta, prima longe, por coincidência ia passando e o reconhece ali sentado. Se abraçam, ela diz;

*- Que bom encontrar você aqui, o Zé seu filho está lá em casa, vai dormir lá hoje.*

Seu Pedro riu como um copo entornado, encontrara seu filho, valeu a pena a busca. Saiu de braços dados com a prima, de cabeça alta, era o homem mais feliz da avenida...

Nada é impossível se tem um propósito firme e vai atrás dele...



## CHALEIRA DE FERRO

Domingo de maio perambulando pela feira livre olhava as pessoas quando me deparei com ela, aliás, parece que fui atraída, foi como se me esperasse ali naquele momento: uma velha chaleira de ferro, preta e grossa de carvão. Depois de especular um pouco, por um preço razoável ela se tornou minha.

Já em casa, sobre da mesa fiquei admirando suas formas; imponente com seu bico altivo parecia querer dizer algo...

Fui entrando na vida da chaleira ou pelo menos tentando... onde ela viveu? Quantas pessoas beberam água fervida nela?

O ferro de sua estrutura guarda segredos de pé-de-fogão e por sua aparência creio que há muitas décadas... Como se voltasse no tempo me vem a lembrança de infância, imagens congeladas de muitas manhãs: o fogo aceso trepidando e a chaleira de ferro com água borbulhando...

Sentada no rabo do fogão com queixo nos joelhos, atenta esperava o café que minha fazia conversando comigo. Um cheiro gostoso exalava no ar quando a chaleira entornava no bule, e o café estava pronto para alegria da meninada.

E assim continuava sempre cheia de água fervendo para o almoço, para o lanche e para o jantar. O fogo em brasas conservava a água quente pela noite a fora... parece que a vida era eterna e tudo era mágico, tinha um toque de fantasia e a vida era feita de pequenas coisas tão grandes, só agora sei.

Diante da imagem, continuo sentindo o calor daqueles dias, sua imagem de ferro guarda muitas histórias e sentimentos que fluem trazendo doces saudades...

A vida da chaleira é cheia de histórias...

A chaleira da minha mãe, essa que está à minha frente e de tantas outras pelo mundo a fora. É como se um objeto pudesse guardar misteriosamente dentro de si memórias que vêm à tona tão claramente diante de uma simples observação.

Ela agora faz parte da casa, junto de meus velhos livros. Passo o dia perto dela e sei que está guardando outras histórias, armazenando tudo para daqui a muitos anos, talvez séculos, mesmo que já desgastada, quando alguém a observar de perto, ela contará a esse alguém histórias como me contou e que trarão de volta um tempo humano e eterno.

## O FUSCA VERDE

Dois amigos inseparáveis, seu Chiquinho alfaiate e o Chaveiro que nunca fez chaves, só o apelido. Apesar da idade avançada, eram alegres e cheios de piadas. Adotei-os como amigos, como se fossem meus irmãos mais velhos. Sentiam-se importantes e responsáveis por tudo e por todos.

Aos setenta anos, seu Chiquinho resolve comprar um automóvel, um fusca verde. Para evitar perigos, fazia seus treinos diários ao volante pelos arredores da cidade, levando sempre o amigo Chaveiro para auxiliá-lo. Caso viesse algum carro atrás ou dos lados, o Chaveiro lhe advertia, pois não havia tempo de olhar no retrovisor.

*- Sai da frente, lá vem o fusca verde!*

A meninada já saía correndo. Outros motoristas já freavam ante a visão do automóvel verde. Os dois, passageiro e motorista nem se davam conta do tumulto que causavam, seguiam sorridentes com o fusca acelerado sempre de 1ª e 2ª marcha.

Certo dia, sabendo que fui hospitalizada, os dois foram me visitar, lógico que para ir mais depressa, tinha que ser de fusca.

No Hospital Municipal só permitia a entrada de uma pessoa de cada vez, enquanto um entrou, o outro aguardava na portaria a sua vez. Seu Chiquinho entrou primeiro. No quarto se mostrou preocupado e para me distrair, contava suas peripécias no volante, veja só, tinha ido me visitar dirigindo o fusca...

De repente o Chaveiro entra no quarto, alegre me cumprimenta, pergunta se estou bem, senta e conta causos, fazendo piadas e sorrindo muito tranquilo. Daí a alguns minutos, seu Chiquinho se situa e pergunta:

*- Ué, Chaveiro, deixaram ocê entrá antes d'eu sair?*

O Chaveiro coçou a cabeça, raspou a garganta e respondeu muito sério:

*- Não, é que eu só vim avisá que seu fusca ficou desengatado e está descendo...*



- O que?...

Os dois saíram correndo como crianças para acudir o Fusca, que nessa altura dos acontecimentos já devia estar muito longe, se algum poste não interrompera sua viagem...

*Aos meus amigos Chaveiro e Chiquinho, "In memoriam" São Luís de Montes Belos – Goiás*

## O RETRATO DA VIDA

O canto dos pássaros se estende pelo cerrado a fora. O sol vai se pondo fazendo no céu um espetáculo sem igual. Na casa de pau a pique, a família está reunida após um dia de labuta. Dona Fiiinha prepara o jantar, o fogo crepita soltando faíscas animadas, o cheiro do feijão fervendo faz com que o cachorro fique por perto olhando. Seu Tamiro enrola um pito de palha e olha para os oito filhos imaginando como cresceram depressa. Coça a barba e pensa quando todos se forem, ficando só ele e a mulher. Um pensamento vem: nunca tiraram uma um retrato, se alguma vier a faltar, não tem nenhuma lembrança.

Vai para a cozinha e senta no rabo do fogão, acento o pito e diz para a mulher:

- Óia sô, tava imaginano que nois nunca tirou um retrato desses minino...já tá passando da hora, que cê acha?

- Ora Tamiro, bem que eu lembro disso, mas tá tão difícil tirar um retrato, não tem nem um retratista que passa por aqui, e além do mais os minino num tem roupa nem carçado suficiente para tirar retrato...

- Na roupa e no carçado eu dô um jeito, o retratista é que é...

Foram dormir preocupados, como o tempo passava rápido, dali a alguns dias os filhos tomariam rumo na vida, sim, precisavam de uma fotografia para guardar de lembrança. No outro dia passou o mascate e deu notícia de um retratista que vinha na fazenda grande, a 2 quilômetros dali, no dia da missa. Seu Altamiro muito alegre correu para dar a notícia para a esposa:

- Fiiinha, óia só que coisa boa, o retratista vem no retiro do Toizim dia da missa...

- Ora Tamiro, bem que eu lembro disso, mas tá tão difícil tirar um retrato, não tem nem um retratista que passa por aqui, e além do mais os minino num tem roupa nem carçado suficiente para tirar retrato...

- Na roupa e no carçado eu dô um jeito, o retratista é que é...

Foram dormir preocupados, como o tempo passava rápido, dali a alguns dias os filhos tomariam rumo na vida, sim, precisavam de uma fotografia para guardar de lembrança. No outro dia passou o mascate e deu notícia de um retratista que vinha na fazenda grande, a 2 quilômetros dali, no dia da missa. Seu Altamiro muito alegre correu para dar a notícia para a esposa:

- Fiinha, óia só que coisa boa, o retratista vem no retiro do Toizim dia da missa...

- Divera, Tamiro? Até que enfim, vamo tirar os retrato dos mininu, sô!

Chegou o dia da missa, levantaram de madrugada para se arrumarem para a missa e para a pose do retrato tão esperado... Dona Fiinha arruma a meninada, veste daqui, penteia dali, os calçados nos pés só quando chegassem na fazenda grande, iam descalços para não estragar os sapatos novos. Mãe cuidadosa olha tudo, cabelo, orelha, roupas, os calçados, está faltando um... O menino de oito anos procura o outro pé e não acha...

- Mãe o Marin está cum o outro pé do meu sapato, fala pra ele me dá..

- Pra que ocê pegou o pé de sapato dele Marin?

- Num achei o outro pé não, mãe...

A mae confere e nota que faltava um par de sapatos. Chama o marido.

S. Altamiro coça a barba e diz:

- É que o dinheiro num deu pra comprar dois par, então na hora de tirar o retrato cada um carça um pé para num ficar feio...

A meninada concorda, afinal queriam ir logo, e batem em retirada cantarolando pela estrada a fora.

Daí a 60 dias o retratista entrega uma foto preto e branco com toda a família em pose diante de um lençol branco, as crianças de sapatos novos, todos alegres admiravam o retrato, tão emocionados estavam que o detalhe dos dois mais pequenos cada um com um pé de sapato não fez diferença, o que lhes importava é que conseguiram fazer um retrato, marcando o momento de uma grande família, o retrato de papel, o RETRATO da vida.

## **MOKUKÁ – Um canto ao homem branco**

Mokuká kayapó Mebengokré nasceu na Aldeia Moikarakô na beira do Riozinho, filho de Kumatô e Iakaê já falecidos, ainda hoje continua na aldeia em que nasceram e morreram seus pais.

Na época da colonização os índios que não aderiram aos costumes do colonizador foram fugindo para dentro das matas e beira dos rios e assim seus avós e pais depois de muito andar firmaram raízes nessa terra no Estado do Pará. Uma região ainda isolada com muita água, caça, pesca onde os indígenas ainda podem sobreviver de maneira bem tradicional. Na aldeia eles recebem assistência médica através da FUNASA, não tem indigenista e o líder é o cacique Akyaboro, que atualmente é também funcionário público. Mokuká afirma que os mebengokres não se sentem seguros com essa liderança, pois Akyaboro viaja muito e tem mais contato com o branco que com os próprios indígenas.

Mokuká tem oito filhos e todos vivem na aldeia Moikarakô e seguem fielmente a cultura mebengokré sobrevivendo da caça que segundo ele é em abundância como o mutum, arara, jacu, papagaio e outros.

Todos são contra a construção da hidrelétrica de Belo Monte, pois temem que o alagamento acabará com a diversidade de peixes e caça, as matas com as plantas medicinais e muito mais a privacidade do indígena que passará a conviver mais de perto com os costumes do homem branco.

Mokuká viveu a experiência da convivência com o homem branco quando ainda com oito anos de idade ficou doente e foi levado pelo servidor Chico Meireles, do antigo SPI (Serviço de Proteção aos Índios) para se tratar em Belém capital do Pará e por lá ficou morando por três anos. Aprendeu a falar bem o português estudando em escolas públicas, leu livros infantis e brincou com brinquedos bem desconhecidos dos indígenas. Considera a experiência válida, pois hoje é um interlocutor entre brancos e indígenas, viaja

para São Paulo, Rio, Manaus, Inglaterra e recentemente foi convidado pelo líder cacique Raoni para acompanhá-lo em suas viagens.

Porém afirma que nem todo indígena saberá ter essa convivência sem perder sua cultura e considera um grande perigo, talvez até o fim da cultura mebengokré com a construção de Belo Monte:

*- Nois respeita a natureza, a criança, o rio, todo tipo que esta na aldeia. nos tem bastante pedra preciosa, minerio mais caro nois mora em cima dele e não vamos cavar a terra e destruir o futuro dos nossos netos. Branco não pensa, cava a terra, tira o minério, o dinheiro acaba e a fica sem terra para plantar e criar seus filhos e netos.*

Mokuká é um homem sereno, forte e muito preocupado com o futuro do seu povo:

*- Nossa liderança é fraca, Raoni já está bem velho, Akyaboro funcionário público e os kayapo ainda não tem uma pessoa certa para ser lider, a maioria não tem muito conhecimento da lei do branco e não possui experiência como líder. Se quisessem eu assumia a liderança, pois gosto de ler e falo bem a língua do branco, eu ia acelerar.*

Cabeça baixa se cala por uns minutos e ai diz:

*- A cultura pode acabar se não ter um líder forte, com Belo Monte vamos ficar muito próximo do branco. Estou muito triste, preocupação muito grande, Raoni está triste também com o futuro dos kayapos mebengokres. Nois ainda está isolado, mas depois de Belo Monte não sei, me sinto muito triste, falta alguém, cadê ele, de onde que vem esse líder forte para segurar nossa cultura.*

Mokuká é um grande cantor indígena, interpreta várias canções na língua kayapó e diz

*- Gosto de cantar sobre o mato, rio, peixe, pesca, aldeia, a música do índio é pedir proteção ou imitando animal ou natureza. Existe índio já fazendo música de forró de branco, mas isso não é bom, não está pedindo nada. Nois gosta de pedir chuva, comida e saúde na música.*

No palcos e encontros da vida ele emociona milhares de pessoas quando canta o Hino Nacional Brasileiro na língua mebengokrê.

Uma turista que chorava muito ao ouvi-lo cantando desabafou:

*- Ele cantou o hino do Brasil, esse Brasil que tanto maltratou sua gente e ainda maltrata ... e ele ainda o exalta na língua kayapó...*

Sim, Mokuká é um sábio nas palavras e na música e conseguiu após vários anos traduzir a letra do Hino da Pátria para ser cantado aos brancos e assim ele ensina sua família a cantar em homenagem ao Brasil.

*- Minha neta que canta, eu canta. Nossos ancestrais não tinha briga, vivia em paz com comida e tradição à vontade, sem barulho, sem sal, vivia todos juntos nas aldeias. Agora outro vai ocupando os territórios dos índios, por isso eu canta o hino nacional.*

Mokuká inicia o Hino com voz bem forte como se cantasse para o mundo ouvir, um mundo bem diversificado, que para solenemente sem entender... Talvez cantando, ele consiga chamar a atenção para seu povo mebengokrê, sua tradição musical que ainda é um ritual à natureza, uma natureza que o homem civilizado teima em destruir.

## A CULTURA DO PRAZER DE VIVER



A indumentária do homem branco o faz ridículo diante da simplicidade do nativo indígena. Onde estavam deputados, doutores, pastores, padres, médicos e outros, a presença indígena foi mais forte, eles eram mais importantes, afinal estavam livres do sistema que funciona cronometrando tudo.

Quando cantam não se importam com o corpo à mostra apesar da idade, tudo é natural. Se orgulham do que fazem, seu canto é sagrado, sua missão é perpetuar a cultura e guardar matas e rios para as gerações futuras.

Crianças brincam descontraídas, um sorriso verdadeiro no rosto, enquanto outras filhas de pais civilizados desfilam olhando como se vissem animais peçonhentos gritam com medo.

No restaurante enquanto os indiozinhos devoram toda a comida, na mesa ao lado uma mãe chiquérrima com auxílio da babá insiste em dar a comida na boca do filho e este não quer. A mãe indígena e seus filhos não entendem porque a mãe branca empurra a comida na boca do filho sem ele querer...

Boquiabertos assistem quando ele esperneia para não comer, não entendem, afinal comida é tão importante...

Após se fartarem, riem comentando numa linguagem íntima enquanto a índia tira os piolhos do filho até que ele durma... Não vê o povo civilizado estarecido fotografando a cena...

Como explicar a eles que a diferença está no viver a vida sem indumentária, sem regras, viver a cultura do prazer e isso o homem branco não tem. Ele é escravo do trabalho, do luxo, do consumismo e de si mesmo. O indígena tem acima de tudo, a cultura do prazer de viver.



## **ÁGUA – O princípio de todas as coisas**

*A água é o princípio de todas as coisas." (Tales de Mileto)*

A água é o bem mais precioso da terra, sem ela não há nenhuma espécie de vida. O indígena que é de uma cultura milenar sabe e tem consciência desse valor. Muitas etnias consideram a água como seu Deus e ela é respeitada como tal. Uma passagem bíblica diz que antes de existir a Terra o Espírito de Deus pairava sobre as águas.

O capitalismo fechou os olhos e o pensamento da civilização atual levando a uma cultura de produção que a cada dia mais leva a escassez da água. Sem água não há vida, só tristeza, doenças e até grandes epidemias.

O Brasil que é um paraíso das águas doces ainda não tem uma política séria de cuidados com a água. Os grandes mananciais são destruídos pelas construções, lixos e outros interesses momentâneos. Construções e mais construções de hidrelétricas formam enormes reservatórios se tornam depósitos de lixo.

A lei não é cumprida, existe multa para quem polui a água só no papel, a realidade é outra muito triste.

Cito aqui o exemplo do Lago de Serra da Mesa e num momento de reflexão escrevi esse texto:

LAGO SERRA DA MESA -Tarde nublada, o pensamento vai até onde os olhos alcançam, as palmeiras secas sobressaem. O lago enorme, parado, muito quieto, é o 3.o maior lago artificial do mundo. É tanta água que impressiona: o homem desafiou a natureza, juntou os rios e construiu o lago de 1787 km<sup>2</sup>. As árvores secas não mais brotarão, a água matou suas raízes. Agora os pescadores depredam tudo, sem pensar no amanhã...

Dentro do lago ficaram escondidas as casas, as árvores e os sonhos de muitos... O homem afundou a mão, represou os rios, forçou a natureza, as águas invadiram o cerrado e o lago existe.

A água do mundo está se acabando, o lago é uma grande reserva. O equilíbrio é precário, olhando as águas a vida parece eterna, mas não é. Só a natureza segue seu curso impecavelmente, revolta às ações dos homens.

Tem muito peixe, os pescadores montam as redes, o lixo acumulado às margens dá uma sensação de fim. Os bichos andam escondendo dos tiros que ecoam em toda a extensão assustando as capivaras que pulam na água fazendo um barulho ensurdecedor.

De vez em quando desce um fiscal pega uma rede, multa alguém e vai embora, a extensão é grande, não conseguem acompanhar a depredação. O grito dos ecologistas invade a ação dos pescadores e dos caçadores que é maior...

Os rancos dos motores rasgam o silêncio e mesmo assim os pássaros cantam alegres, os sons se juntam...

As árvores secas, a água turva, o monte de lixo, os tiros, as redes, o barulho dos motores, os gritos dos pássaros me fazem chorar...

É só uma lágrima, mais uma gota d'água na imensidão...

Fica um apelo no grito do pato pescador, das garças que voam nos galhos secos, do veado que tenta beber água rapidamente para não ser visto, das capivaras que pulam na água se escondendo...

Nessa dor que rasga o peito, que insiste em dizer que a água é o bem mais importante do mundo, que se não fizer algo essa enorme represa será amanhã somente um amontoado de lixo e tristeza...

Pescadores se vão cheios de peixes, querem esvaziar o lago. Lago imenso, forçado, é o homem desafiando as leis naturais e por

enquanto impera. E assim continua a vida às margens do lago cheio de vida, que luta para sobreviver, indefeso ante à ação dos homens inconscientes que não sabem que estão matando a própria vida...

O cachorro que bebe a água não sabe do dia de hoje, da poluição das margens, só sabe que tem sede. O homem que coloca a rede não sabe que depreda, só sabe que quer peixe.

Essa dor continua e balança o peito como a onda que o barco fez, as garças voam apressadas, já é noite. A extensão é enorme diante dos olhos, finco os pés no chão e tento ser forte... O vento varre os pensamentos leva a esperança de um amanhã melhor...

## EVERTE

Everte faz parte do folclore da cidade de Uruaçu, anda cumprimentando todos e dá notícia de tudo mesmo que seja à sua maneira. Seu trabalho é de distribuir folhetos de propaganda pelas ruas e assim ele propaga também carinho.

A história da vida do dele é paralela à história da cidade, ele acompanhou quase tudo no seu modo de enxergar e entender o mundo. Sofreu um distúrbio psicológico ainda pequeno que o faz agir sempre como uma criança apesar dos quase 80 anos de idade.

É o maior analista político da região, sabe tudo a respeito de cada candidato e ai daquele que fizer algo para desmerecer sua atenção, rapidamente ele faz comentários contra esse candidato em toda a cidade. Defende seu político seja quem for, até briga por ele, porém se algo o convencer que esse político não presta, automaticamente muda de opinião e começa a divulgar outro.

Nos meses que antecedem às eleições, ele vai para a rua mais cedo e só volta à noitinha, precisa estar a par de tudo o que acontecendo...

Para ele a vida é eterna e se admira muito quando alguém morre; fica calado, se emociona e não sabe o que dizer. Talvez em sua vida o acontecimento mais marcante foi a morte de quem quer que seja. Quando sabe que alguém morreu fica à frente da casa onde há o velório muito consternado, se alguém sorri, fica com raiva e diz que é falta de respeito. No dia de finados é o primeiro que chega ao cemitério, a sepultura do pai é um lugar sagrado para ele.

Ficou na escola por muitos anos, desistiu. Não aprendeu a fazer nenhuma letra, mas aprendeu a gostar mais da política. Já na terceira idade voltou para a escola o que foi uma grande aventura para ele, apesar de não entender nada queria estudar. Na sala de aula coçava o nariz e riscava o caderno com raiva, não aprendia mesmo. Porém não

admite, diz sempre que está aprendendo. O relógio reluzente no braço faz com que as pessoas lhe perguntem as horas, ele estende o braço dizendo:

- *Oia aí, tô sem óculo, num enxergo direito...*

E assim se livra de mais um aperto. A professora no final do ano na festa de entrega dos diplomas, lhe dá um, só que é faz-de-conta para ele não se decepcionar. Pulando de alegria pega o canudo como se fosse um tesouro e sai pelas ruas mostrando para todas as pessoas. Chega em casa sorridente mostrando o diploma. O irmão lhe diz;

- *Que bom Everte, agora você tem diploma, aprendeu a ler mesmo?*

- *Aprendi, num sou burro, num tá vendo meu diploma?*

O irmão faz um desafio:

- *Já que aprendeu, lê o que está escrito aqui!* (aponta uma folhinha na parede).

Everte coça o nariz, esfrega os olhos, resmunga e dá as costas.

- *Que está escrito na folhinha, Everte?* (insiste o irmão)

- *Ah, num vou lê isso não, acabei de jantar agora, faz mal.*

Esperto sempre tem uma desculpa para tudo. Já de cabelos brancos, os passos mais lentos todos os dias sai com um pacote de folhetos para distribuir, não deixa cair um no chão e não entrega para crianças, diz que jogam foram sem ler, a responsabilidade só termina quando entrega todos e aí vai receber o dinheiro que não sabe contar. Uma nota de dez reais para ele tem menos valor que cinco notas de um real, o que vale é a quantidade. Não é velho, nunca ficará velho, segundo ele. Diz dos outros assim: *Fulano tá muito véio, vai morrer logo, não é mesmo? Cê viu como cicrano tá véio?*

E assim a vida vai passando, mas para o Everte ela é uma só:  
o tempo não muda e ele é eterno nos seus passos diários pelas ruas de  
Uruaçu...



### **GUARANI KAIOWÁ- sutil, belo e triste**

A presença dos guarani-kaiowá é destaque pela sutileza do grupo que apesar de pequeno consegue prender o público com seus rituais e acima de tudo com a aflição de uma etnia sofrida em busca de soluções para os inúmeros problemas que atingem as aldeias no Mato Grosso do Sul.

Eles conseguiram resistir à catequização dos jesuítas e mesmo convivendo com estrangeiros ainda conservam a língua e a cultura de uma espiritualidade que considera acima de tudo a Terra, sua Origem e especialmente o “Grande Pai, Ñande Ru”.

O Cacique Getulio Kaiowá da Aldeia Jaguapiru/Bororó faz um discurso eloqüente quanto à situação de seu povo. Segundo ele, o governo do Estado não atende as reivindicações e faz um apelo aos “parentes” que os ajudem no sentido da implantação da escola nas aldeias com professores indígenas.

*-Só assim a criança não vai à cidade aprender coisas e fica na aldeia aprendendo na prática como nois planta, o que nois come, falando a língua tradicional. Nossa família indo pra cidade nois não pode aceita. Precisamos de uma escola indígena dentro da aldeia, senão do jeito que vai, vai acabar a etnia kaiowá, terena, não tem mais cultura e isso é triste.*

No município de Dourados MS há uma população de 16 mil pessoas e aproximadamente 6 mil famílias vivem em 3500 hectares de terra. Esse povo, de acordo com o cacique Getúlio, precisa conservar sua cultura para não se perder. Muitos para sobreviver vão para o trabalho em plantações de cana de açúcar e em usinas de álcool e de lá voltam totalmente marginalizados.

Emocionado, ele diz dos jovens com idade de 10 a 16 anos que dispensam a escola e vão para o canavial:

*- Eles voltaram maior malandro, as crianças não tem idade ainda. Na Aldeia em Dourados tem menino de 12 anos matando de facão, tirando o pescoço de machado, juntam 4 ou 5 menores matando mulheres, homens. Isso acontece por causa do ensinamento que não foi bem. Se fosse bem ensinado não teria esses problemas na aldeia, isso nossa preocupação, nois mais velhos. Queremos levar educação, escola indígena, vamos batalhar por isso, uma escola separada para a cultura indígena. Hoje na aldeia de Dourados não pode andar a noite, ficou perigoso e onde vamos reclamar? FUNAI, MP, justiça, ninguém resolve. Essa preocupação passo para ter apoio dos parentes, espalhar para o Brasil inteiro.*

As reclamações são inúmeras, todas no sentido de preservação da cultura guarani kaiowá. Esse grupo representa o exemplo da resistência de um povo sofrido como a maioria dos indígenas em todo o Brasil.

Os guaranis com atividades voltadas para as questões dos direitos humanos, intuito é sensibilizar a população em geral para as gravíssimas violações dos direitos humanos que afligem, com grande repercussão, os Guarani, Kaiowa e Nandeva de Mato Grosso do Sul, uma população superior a 40.000 pessoas.

Necessária a reflexão sobre o confinamento social e cultural que aflige especialmente essas etnias e incidir, por meio da valorização cultural, sobre a autoestima dos jovens, fortalecendo a identidade étnica e o protagonismo dos Kaiowa e Nandeva, informando os não índios sobre a cultura indígena, suas tradições e conhecimentos.

Nos encontros eles esquecem os problemas e se revelam com classe envolvendo o público com os rituais. A principal cerimônia Kaiowá chama-se avati kyry, que é o batismo do milho. O líder religioso faz um canto comprido e cada verso que canta é repetido pela comunidade acompanhado pelo som da



mbaraka e do takuapu. Chama a atenção o ritual em que elevam a pessoa numa espécie de maca de varas (uruiai), confeccionada alternadamente ao som de uma música forte. O homenageado é carregado no centro da aldeia e depois recebe os cumprimentos e uma bebida a base de batata (xixá).

O momento contagia o público e por instantes não há diferenças, todos são indígenas e são iguais.

## DOR DE DENTADURA

Zequinha gostava muito de beber pinga, mas nem todos os dias tinha dinheiro para isso. Ficava rondando os bares, tristonho para se ganhava algum gole. Contava alguma piada, cantava uma musiquinha e bebia sua pinga às custas dos espectadores.

Certo dia já estava cansado de fazer graça e não tinha bebido quase nada, saiu andando tristonho e sentou na porta do buteco do Chico. O bar estava vazio, só o dono sentado no balcão. Ficou com a mão no queixo, de cabeça baixa. Chico se incomodou e perguntou:

- Que foi Zequinha

Ele gemeu:

- Tô Cuma dor de dente danada...

-Quer um golinho para ver se melhora?

- Quero sim, sinhô, as vezes miora...

O Chico lhe deu uma dose de cachaça e ele bebeu tudo de uma só virada. Mas como queria mais, continuou sentado com a mão no queixo.

Daí meia hora, o Chico disse:

-Mas moço, seu dente não sarou ainda? Quer mais cachaça?

Zequinha concordou, balançando a cabeça. O Chico pensou, foi até ao balcão, tornou a olhar para o doente e decidiu que lhe daria logo um copo cheio e assim se via livre dele na porta do buteco, aquela tristeza atrapalhava a freguesia.

O moribundo bebeu a pinga de uma vez, tossiu, riu e já levantou meio alto e cantarolando, a melhora foi automática.

Chegando alguns fregueses, ele se aproximou todo falante e sorridente. O dono do bar, muito desconfiado, ficou de olho. Será que esse malvado estava mesmo com dor de dente? Resolveu questionar:

-Zequinha, qual é o mesmo o dente que estava doendo?

Mais que depressa Zequinha tirou a dentadura da boca e colocou em cima do balcão e foi apontando os dentes e dizendo: não sei se era este ou esse...

Enquanto todos caíam na gargalhada, Chico pulou o balcão e com um porrete e xingando, expulsou Zequinha. Este encontrou tamanha força para correr que nunca mais voltou no buteco do Chico.

## VERSOS BANGUELOS

Cléa ficou viúva muito nova, aos 28 anos, com dois filhos, desempregada, a situação não era das melhores. Falta isso, falta aquilo e o dinheiro que ganhava lavando roupa mal dava para comer.

Vizinho atento, seu João prestava atenção na vida de Cléa. Mas como se aproximar, homem visitando casa de viúva, dava no que falar...

Começou presenteando as crianças, foi chegando devagarzinho até que se tornou rotina as visitas noturnas.

O coração surpreendeu seu João, aos 78 anos batendo forte ante a proximidade com Cléa.

Pesquisou sua velha biblioteca, lhe levou livros com histórias de amor, lia em voz alta até que ela cochilava sentada na cadeira e ele sorrateiramente ia embora.

Os meninos peraltas se aproveitavam da situação para ganhar presentes. Uma noite, seu João veio mais inspirado, trouxe versos de Camões e em posição de orador, começou a ler o poema em voz alta.

Cléa ouvia atenta, as crianças foram se aproximando e quando estavam bem debaixo do queixo do seu João gritaram:

- Olha mãe!

- Psiu, quieta menino! Disse Cléa

- Maein.. mãe, seu João só tem um dente em cima e um em baixo...

O orador foi baixando o papel, saiu cabisbaixo, uma última olhada para a casa, seus versos banguelos não cabiam mais ali...